

Conhecendo o imaginário de jovens gays com relação à velhice

Knowing the imaginary of young gays in relation to old age

Conociendo el imaginario de jóvenes gays con relación a la vejez

Cristiano da Costa Flôres
Newton Luiz Terra

RESUMO: Este artigo objetiva explicitar que o imaginário do jovem homossexual com relação ao envelhecimento é o retrato de um tempo, ao avaliar-se a representatividade do homem *gay* idoso na sociedade. Trata-se de um estudo de paradigma qualitativo do tipo descritivo-interpretativo, realizado por meio de seis entrevistas semi-estruturadas com indivíduos que se identificam como homens homossexuais. Como considerações finais, pode-se afirmar que a dificuldade dos homens *gays* jovens em se imaginarem velhos está fortemente relacionada com a baixa representatividade do homem *gay* idoso.

Palavras-chave: Envelhecimento; Homossexualidade; Representatividade.

ABSTRACT: *The homosexual young imaginary regarding aging is a portrait of a time and assessing a representativeness of the elderly gay man in society. Qualitative paradigm study of the descriptive-interpretative type, performed through six semi-structured interviews with information that identifies as homosexual men. The difficulty of young gay men in imagining themselves old is strongly related to the low representativeness.*

Keywords: *Aging; Homosexuality; Representativeness.*

RESUMEN: *El imaginario del joven homosexual con respecto al envejecimiento es el retrato de un tiempo, al evaluar la representatividad del hombre gay anciano en la sociedad. Como método, el estudio de paradigma cualitativo del tipo descriptivo-interpretativo, realizado por medio de seis entrevistas semiestructuradas con individuos que se identifican como hombres homosexuales. Como consideraciones finales, se puede afirmar que la dificultad de los hombres gays jóvenes en imaginarse viejos está fuertemente relacionada con la baja representatividad.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Homosexualidad; Representatividad.*

Introdução

Conhecer o imaginário da juventude homossexual com relação ao envelhecimento é possibilitar que se faça o retrato de um tempo e de um contexto, avaliando-se a representatividade do homem *gay* idoso e se estabelecendo como se dá sua visibilidade.

Os papéis atribuídos a cada gênero e a cada orientação sexual são oriundos das questões culturais, econômicas, políticas e sociais, não meramente de questões biológicas ou sexuais. Portanto, definir o sujeito a partir dos seus papéis sociais a partir do sexo é limitante (Rosa, Melo, Boris, & Santos, 2016). O gênero estabelece significado aos corpos, é variável e diverso culturalmente (Antunes, & Mercadante, 2011). No entanto, os papéis destinados a cada gênero e sexualidade desenham uma norma social a ser seguida, recaindo sobre aqueles que não aderem a ela o peso da transgressão.

É necessário conhecer o espaço simbólico da projeção de futuro do homem *gay* para conhecer a sua sensação de pertencimento, e os possíveis impactos da ausência de modelos como referências de possibilidade de construção de futuro, fazendo-se o recorte entre a orientação sexual, a representatividade e a subjetividade.

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer a percepção de indivíduos homens homossexuais sobre envelhecimento e representatividade, suscitando discussões e redefinições.

Método

O ponto de partida da presente pesquisa é a pergunta: De que forma a ausência de referência de homem homossexual idoso interfere no imaginário do homem jovem homossexual com relação ao processo de envelhecimento?

Este é um estudo qualitativo do tipo descritivo-interpretativo, considerando-se que a pesquisa qualitativa permite identificar fenômenos e entendê-los (Víctora, Knauth, & Hassen, 2000).

Os participantes do estudo são pessoas que se identificam como homens homossexuais, de idade igual ou maior que dezoito anos, participantes de um coletivo LGBT do município de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul.

Foram realizadas seis entrevistas semi-estruturadas, de forma individual, em ambiente privativo e silencioso. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. A coleta de dados foi finalizada, utilizando-se o critério de saturação. A entrevista semi-estruturada permite a participação ativa do pesquisador, estabelecendo vínculo de profundidade nas perguntas e permite que o entrevistado fique à vontade para fazer as suas considerações sobre os temas abordados (Lüdke, & André, 1986; Negrine, 1999).

As entrevistas foram realizadas mediante agendamento prévio, e o convite para a participação foi realizado por meio de um aplicativo de celular para os indivíduos cadastrados como participantes do referido coletivo. A pesquisa foi realizada após o projeto respectivo ser aprovado pela Comissão Científica do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica e pelo Comitê de Ética em Pesquisa, ambos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A gravação foi iniciada somente após a explicação dos objetivos da pesquisa, a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O anonimato dos colaboradores foi garantido, assim como os demais preceitos éticos vigentes em pesquisa.

A análise dos dados obtidos foi realizada por meio de categorização, agrupando-se dados conforme a homogeneidade de assuntos. As categorias não foram pré-estabelecidas; elas emergiram da coleta e análise dos dados (Negrine, 1999). Para cada categoria, foram utilizadas a fala do sujeito seguida do uso da literatura (Flick, 2004).

Perfil dos Participantes

Os colaboradores do estudo são pessoas que se identificam como homens e homossexuais, participantes de um coletivo LGBT de Porto Alegre e região metropolitana, no estado do Rio Grande do Sul. As idades variam entre os 18 e 32 anos, ficando na média de 24 anos. As escolaridades variaram entre o ensino fundamental incompleto e o ensino superior completo, sendo a maior parte expressa como superior incompleto. Os colaboradores do estudo também puderam assumir características da sua regionalidade.

Análise e Discussão dos Dados

Imaginando o futuro

A categoria que se formou a partir da pergunta “Como você se imagina idoso?”, fez emergir, nos dados de oralidade, os signos do imaginário sobre o envelhecer homem e homossexual. Seguem os relatos:

“Eu acho bem complicado, porque eu não consigo me imaginar, eu não me imagino velho, eu espero que isso nunca aconteça.”
(Colaborador #1)

Indagado, de imediato, sobre a possibilidade de ser uma etapa da vida a ser vivida, esse colaborador #1 acrescentou:

“Sei lá, eu acho que vou ser aqueles velhos que se arrumam, não aquele velho, velhinho, fofinho. Eu me imagino um velho bonito.”
(Colaborador #1)

“A gente acaba não querendo pensar nisso, é uma questão bem difícil pra mim... idealizar isso” [referindo-se à velhice] “Ai!, essa é uma questão que eu ouço bastante, por que eu não planejo adotar ou ter filhos. Eu me vejo cercado por uma rede de amigos, da mesma faixa etária e com as mesmas necessidades, que uns apoiem os outros.”
(Colaborador #2)

"A minha velhice? [pausa de 3 segundos], em questão de família, eu vou ser sozinho, por ser filho único, eu não sei até onde meus pais vão. Não sei se me imagino casado, até porque, hoje em dia, não é essa a minha ambição. A coisa de ter filho é bem presente, mas acho que casado não" [e acrescenta ainda]: "Eu não vejo problema nenhum em envelhecer, acho natural, se acontecer, eu tenho a sensação que vou ficar mais velho, mas não sei o quanto." (Colaborador #3)

"Fisicamente, eu acho que vou sentir um incômodo incrivelmente alto por não ter essa aparência que eu tenho hoje [...], eu buscaria muitas medidas para amenizar isso ao máximo" (Colaborador #4)

"Eu não consigo me imaginar com 70 anos, no máximo com uns 40 ou 50. Essa etapa, eu não vou achar ruim, eu tenho muitos colegas de trabalho nessa idade. Eu não sei porque as pessoas têm esse medo de envelhecer; nossa!, os meus colegas de trabalho tem aí na faixa de 50 anos estão vivendo a vida que eu queria estar vivendo; eles só viajam, têm tempo, eles já criaram os filhos, têm dinheiro para viajar. [...] Eu acho que deve ser uma fase muito gostosa da vida, agora os 70 anos, eu já não sei, geração um pouco mais triste, né?, devido às limitações físicas." (Colaborador #6)

"Visualmente, é? Totalmente careca! mas como estilo de vida, assim, acho que ainda trabalhando, ainda fazendo coisas que eu faço hoje, com família, muitas pessoas ao redor." (Colaborador #7)

Observa-se que uma parcela dos colaboradores teve dificuldade em elaborar um conceito de como eles se imaginam idosos e em fazer uma narrativa dessa representação. Todas as variações de velhice e de gênero são válidas; no entanto, a dificuldade em se imaginar idoso pode estar permeada pelo fenômeno da falta de representatividade (Alves, & Silva, 1992).

Para um segmento populacional que é colocado à margem da normalidade, a ausência de modelos firmemente estabelecidos, em termos de vínculo pessoal ou de mídia, isso pode interferir na esfera do imaginário. O ser humano só se torna viável por meio de categorias socialmente reconhecidas (Antunes, & Mercadante, 2011).

Nenhum dos colaboradores relatou se imaginar envelhecendo com netos. Os colaboradores #3 e #5 (com depoimentos transcritos na próxima categoria) mencionam o desejo de ter filhos; e o colaborador #7 menciona envelhecer com família. Observa-se que a história das famílias vem se modificando com o passar do tempo; a família se adaptando às mudanças sociais, o que faz surgir uma crescente pluralidade de conceitos de família (Rosa, Melo, Boris, & Santos, 2016). No entanto, observa-se com mais frequência a presença de famílias homoafetivas com filhos, e uma expressão muito menor de famílias homoafetivas com netos. Esta baixa representatividade pode contribuir para que homens *gays* se imaginem exercendo no máximo os papéis de pais, não surgindo no imaginário dos entrevistados, na presente pesquisa, o exercício do papel de avô.

A juventude é bastante valorizada na atualidade, sendo correlacionada com a beleza, força, criatividade, produtividade e consumo (Antunes, & Mercadante).

Os colaboradores #1 e #4 trouxeram, em suas falas, aversão ao envelhecimento, com base no apagamento da juventude pela estética. As marcas do corpo configuram as marcas mais evidentes da experiência do envelhecimento, e essas mudanças interferem nas relações sociais. No contexto em que a juventude é um bem que legitima a experiência da homossexualidade, a velhice é comumente heterossexualizada. Alguns homossexuais idosos relatam certa melancolia, ao analisarem seus corpos modificados pelo tempo. Alguns se imaginam com o “corpo ideal” da juventude, no atual contexto social, em que o exercício das diferentes sexualidades encontra um espaço maior para a sua expressão (Santos, & Lago, 2013).

O colaborador #7 menciona o desejo de continuar fazendo coisas que faz hoje; enquanto o colaborador #1 expressa o desejo de envelhecer bonito. O colaborador #6, por sua vez, menciona o desejo de viajar bastante, mas questiona a possibilidade de fazê-lo em torno dos 70 anos de idade.

O sentimento de que uma “parte de nós” se conserva jovem vem do condicionamento social dos signos do que é ser jovem e da dificuldade em confrontar a materialidade do corpo e suas modificações (Santos, & Lago, 2013). Este sentimento produz no jovem o desejo de manter uma parcela de si jovem e, no idoso, o reconhecimento de que uma parte de si não envelheceu. A velhice, como campo performativo, cria espaços para releituras de si mesma.

Os modelos de velhice que aos poucos estão sendo mais valorizados são representados por pessoas idosas que aceitam desafios, projetam para o futuro, viajam muito, o mais próximo possível do imaginário do que é ser jovem (Antunes, & Mercadante, 2011).

O que é ser velho no imaginário do *gay* jovem?

Algumas relações sobre o que é ser velho chamaram a atenção do pesquisador e seguem como um convite à reflexão sobre os estereótipos do envelhecimento e suas ligações com o capacitismo¹:

“Eu namorei um cara que tinha 41, quando eu tinha 16. Pra mim, com 16, ele era velho, mais de 20 anos de diferença, ele era mais maduro e estava cansado.” (Colaborador #1)

“Algumas coisas, eu já visualizo, entre amigos; a gente já diz que está velho, quando não quer ir mais para a balada, quando está ficando gripado ou com frio, essas coisas...” (Colaborador #2)

“Acho que tu ficar velho é amadurecer, eu nem ligo pra parte física, eu sinto que de alguma forma eu já estou envelhecendo, não faço festa como antigamente.” (Colaborador #3)

“Eu acho que a maior parte da nossa geração não tem a mínima noção desse futuro.” (Colaborador #4)

“Essa parte de envelhecer é triste, porque essa coisa de tu viver as coisas pela primeira vez é muito mais legal.” (Colaborador #6)

“Idoso... me vem família... a pessoa que vai unir a família, a pessoa que vai chamar para encontros, filhos, netos e bisnetos. Eu tenho isso na minha vida sempre, né?, com relação à minha vó, meu vô.” (Colaborador #7)

¹ Capacitismo - termo técnico significando o preconceito social contra pessoas com qualquer tipo de deficiência, com conseqüente discriminação ao serem vistas como menos humanas, menos aptas ou não capazes para gerir a própria vida, sem autonomia, desamparadas, assexuadas, condenadas a uma vida eternamente em dependência.

O colaborador do presente estudo com mais idade tem 32 anos, o que denota a compreensão dos colaboradores sobre o envelhecimento como um processo, e não como um resultado. As visões estão intimamente conectadas com as capacidades funcionais, legitimando que envelhecer é ter prejuízos no que é socialmente lido como próprio da juventude como, por exemplo, experimentar coisas pela primeira vez (Colaborador #6) ou participar de festas (Colaboradores #2 e #3).

Vale aqui ressaltar que os ambientes de socialização, como as festas, têm grande importância para as minorias, pois são ambientes que, ao reunir os iguais, se tornam permissivos à expressão de gênero e sexualidade com maior liberdade e segurança.

O culto à juventude é um dos traços mais constantes da cultura *gay*, menos observado na cultura lésbica, legitimando valores de corpo belo, bom e a ser zelado. As revistas e outras mídias *gays*, ao discursar sobre os corpos, mostram somente jovens belos como homossexuais. Parece existir aí um modelo de homonormatividade (Pocahy, 2012).

Comunidade Gay

Os colaboradores do estudo foram questionados acerca de suas percepções sobre o quanto a comunidade *gay* é aberta ou receptiva, com relação à inserção de homens idosos homossexuais:

"Eu acho que tem preconceito, sim; eu acho que é tudo muito baseado nas bichinhas novinhas, as guriazinha, e eu acho que tem que ter espaço para todo mundo." (Colaborador #1)

"Em teoria, a comunidade LGBT é a mais aberta que existe, mas na prática, se já tem preconceito entre os LGBTs mais jovens, imagina com os idosos." (Colaborador #4)

"A comunidade deveria acolher a todos." (Colaborador #5)

"Difícil, meio desapontador [ser gay]; esperamos que os pais nos acolham, que o meio nos acolha, mas muitas vezes somos discriminados dentro de casa, e dentro da comunidade LGBT."

Existem muitos LGBT que acham que são superiores aos outros, ou porque são heteronormativos, ou porque são afeminados."
(Colaborador #5)

As falas dos colaboradores mencionam existir recortes dentro da comunidade LGBT e mesmo dentro da comunidade G. A heteronormatividade, que é baseada no ideal de beleza e juventude, parece ainda moldar comportamentos dentro das comunidades de diversidades, sendo que quem está mais próximo da regra é mais bem aceito. Vale, e muito, aqui mencionar que os movimentos de resistência ao longo da história foram encabeçados muito mais por aqueles à margem da norma do que por aqueles no centro da norma.

A futura terceira idade gay

Tomando como base que a atual juventude é a parcela mais expressiva da população assumidamente homossexual, é possível pensar que esta será, no futuro, a Terceira Idade *Gay*, de forma expressiva e visível. Indagados sobre esta possibilidade, os colaboradores narram suas impressões sobre esta construção social:

"Vai ser engraçado...hahaha... sei lá, eu não consigo imaginar entendeu? Eu olh0, muitos gays e não consigo olhar e ver que esse aí vai envelhecer, é impossível." (Colaborador #1)

"Eu acho que hoje é mais tranquilo em comparação quando me assumi, mas ainda é um tabu para a sociedade. Mas acho que as pessoas estão levando mais de boa, vai ser de boa." (Colaborador #2)

"Não sei se vai ter asilo gay e asilo hétero, mas a gente vai tocar o terror, hahaha..., a gente já faz isso hoje, embora a visibilidade e o respeito não seja amplo ainda; eu acho que na terceira idade a minha geração vai dar trabalho, ocupar o espaço." (Colaborador #3)

"Vai ter muita bicha velha por aí, hahaha...; eu acho que, quando a nossa geração for a geração mais velha, a gente vai construir, por meio da representatividade, um ativismo maior por parte dos jovens; eles vão ter a quem seguir." (Colaborador #4)

“Não sei, eu acho assim, como um leigo, eu acho que vai se aproximar cada vez mais da construção heterossexual, essa coisa da família, por exemplo, mas eu vejo gente, amigos gays buscando, cada vez mais a gente está adotando, concebendo de outras formas, acho que isso vai ser muito diferente com relação à terceira idade gay hoje.” (Colaborador #6)

“Acho que vai ser bem natural, hoje conforme vai surgindo cada vez mais casais gays adotando crianças, acho que vai ser totalmente natural até a terceira idade.” (Colaborador #7)

O corpo do velho, como monstruosidade ou abjeção, é contestado no instante em que os enunciados que os desqualificam mudam de lugar, produzindo para si outras possibilidades de representação (Pocahy, 2012). Este apontamento corrobora a ideia de que a atual juventude homossexual, por ser bastante numerosa em relação aos atuais idosos homossexuais, será responsável pelas modificações de discursos com relação à velhice à medida que for envelhecendo. A velhice está sendo reinventada, sendo capturada por novas exigências comerciais, maior acesso à tecnologia e aumento da expectativa de vida (Antunes, & Mercadante, 2011).

Os colaboradores #3 e #4 comentaram fatores conectados com o ativismo LGBT, como propulsores de modificações no futuro dos atuais jovens *gays*. Os movimentos de ativismo pela pauta LGBT vêm se ampliando e ocupando cada vez mais espaços, o que faz com que o preconceito venha diminuindo, mesmo que lentamente, ao longo dos anos (Antunes, & Mercadante, 2011).

Mesmo que as instituições atuem de forma heterossexualizadora, se organizando por meio de regras, e se utilizando dos poderes institucionais, ao longo da história pessoas homossexuais sempre encontraram brechas para o exercício de suas sexualidades. Cada exercício de saída da norma constitui a micropolítica e esta legitima a resistência das minorias, dando passagem aos afetos e desejos. Assim sendo, a heterocisnormatividade, mesmo que institucionalizada, não foi capaz, em nenhum momento da história, de restringir por completo o desejo, mesmo que encontrando pouco espaço em territórios rígidos (Santos, & Lago, 2013). Com base na crescente abertura da sociedade para a diversidade, o papel da micropolítica e a resistência da comunidade LGBT, a perspectiva é a de que a representatividade e a visibilidade de pessoas LGBTs, em faixas etárias além da juventude, aumentem.

Setores conservadores, atuantes e barulhentos, sempre existiram; o que é historicamente recente é a comunidade organizada e militante por direitos.

Já os colaboradores #6 e #7 mencionam o crescente número de famílias homoafetivas, como motivação para a transformação social. As novas composições de família são reflexos das transformações sociais e implicam na sociedade, ou seja, são frutos da sociedade em transformação e transformam a sociedade (Rosa, Melo, Bori, & Santos, 2016).

O desejo de adotar filhos tem inúmeros motivos: 63% dos brasileiros que praticam a adoção tem como motivação a ausência de filhos biológicos. Trata-se, portanto, do desejo de constituir família com filhos. A adoção é um processo que geralmente beneficia tanto a criança quanto os pais adotantes, não se tratando de uma relação apenas no plano afetivo, mas também no plano jurídico (Rosa, Melo, Boris, & Santos, 2016). Diante da dependência do plano jurídico, justifica-se a crescente representatividade e visibilidade de casais homoafetivos com filhos adotivos; decisões judiciais favoráveis são recentes na justiça brasileira.

Vale aqui lembrar que os sujeitos possuem a capacidade da reinvenção criativa de si, possibilitando a produção de novos cenários, fazendo da vida uma obra de arte; portanto, é plenamente possível que surja um novo formato de envelhecer *gay* (Santos, & Lago, 1992).

Imagine-se idoso

Os colaboradores do estudo foram convidados para se imaginarem envelhecendo, após boa parte da entrevista já ter ocorrido, projetando-se para o futuro, a partir das colocações feitas pelos questionamentos anteriores e sensações evocadas pela entrevista semi-estruturada. Os colaboradores fizeram os seguintes relatos:

“Eu me sinto triste se eu me imaginar velho, porque eu me rasgo na academia, para andar bonito e eu olho e serei meu pai futuramente.”
(Colaborador #1)

“Eu me imagino envelhecendo feliz, tendo um espírito jovem, com alegria.” (Colaborador #2)

"Eu tenho bastante dificuldade em projetar... eu me vejo como um adolescente ainda, não como um adulto. Hoje se eu tiver um problema de saúde, tenho o respaldo da família e de amigos, mas eu não sei projetar, lá na frente como vai ser minha família e meu respaldo de amigos." (Colaborador #3)

"Isso [de pensar no envelhecimento] mudou bastante, eu agora chegando nos 25, eu, pela primeira vez, tenho pensado um pouco mais, com mais cuidado, sobre essa coisa de envelhecimento. [...]; eu consigo me imaginar até os 35, como eu quero traçar a minha vida, 35 até 37, mais que 40 já não consigo me imaginar." (Colaborador #4)

O pesquisador acrescenta à entrevista o dado referente à classificação de idoso no Brasil como uma pessoa com idade igual ou superior a 60 anos, obtendo-se a seguinte resposta do colaborador:

"Nossa, mais de sessenta anos? [pausa] Eu imagino minha vida crescendo até certa idade, depois mantendo uma certa linearidade [...], me vejo podendo usufruir das coisas que eu construí antes disso."

Em outro momento, o colaborador #4 retoma esta questão:

"Eu entendo essa dificuldade de se imaginar no futuro, em pensar em uma época que está tão distante da nossa vida, a gente vai pensar e vai recorrer a quê? A gente não tem fatos, a gente vai recorrer aos modelos, mas quais modelos a gente tem? Os nossos avós, nossos pais, nossos bisavós, que não têm nada a ver com o nosso contexto. Aí, a gente tem que apagar aquilo lá tudo, e não tem modelos, porque não se encaixa em nenhum deles. Estamos caminhando no escuro." (Colaborador #4)

"Ah, de repente daqui uns 20 anos...aos 40 e poucos anos, tu está num relacionamento super-bacana, e que vai ser um relacionamento tão interessante que vai partir a ideia de adoção, e vai ser uma família com filho, a gente envelhecendo, e as crianças ficando adultas." (Colaborador #7)

O colaborador #4 menciona o impacto da falta de representatividade do idoso *gay*, na sua capacidade de imaginar-se envelhecendo. Mesmo após a realização de perguntas sobre envelhecimento, aquecendo o debate sobre a questão, segue frequente a dificuldade de o imaginário dos colaboradores alcançar vislumbres acima dos sessenta anos de idade, corroborando, assim, a hipótese levantada pelo presente trabalho sobre a baixa representatividade da velhice junto aos *gays* jovens.

O envelhecimento coloca-se como um processo inevitável, porém existem formas de efetuar desvios de percepção para os seus sinais corporais. Revela-se, assim, não apenas como um processo orgânico, mas também cultural.

Com base neste recorte, evidencia-se, a possibilidade de uma cultura de evitação do “pensar a velhice”. A representatividade do indivíduo idoso homossexual visível surge como uma figura que estimula o pensar dentro desta cultura (Casteleira, 2014).

Faz-se necessário, ao conhecer estas temáticas, e com relação à evidente relevância do tema, legitimar a “gerontologia LGBT”, com base nas especificidades deste seguimento populacional; estudando-se, assim, políticas específicas para o idoso LGBT e estruturando a parcela jovem do segmento longo vivo a planejar seu envelhecimento ativo e saudável (Henning, 2016).

Considerações Finais

A dificuldade dos homens *gays* jovens em se imaginarem velhos está relacionada com a baixa representatividade, tendo os depoimentos coletados sinalizado que a ausência de um modelo socialmente visível gere este impacto no imaginário e nos seus símbolos. A ausência de netos, e a presença de filhos, no imaginário está relacionada ao aumento recente das famílias homoafetivas, sendo as famílias com filhos mais visíveis e numerosas na atualidade do que as famílias homoafetivas com netos, justificando-se, assim, a composição desses símbolos no imaginário.

Habita o imaginário que a atual geração de homens *gays* jovens, ao envelhecer, fará uma construção mais representativa e empoderada da velhice homossexual. A baixa visibilidade parece ofertar aos homens *gays* jovens vínculos de faixas etárias muito próximas, possibilitando, desse modo, poucas interações intergeracionais, seja para amizade ou relacionamento afetivo-sexual.

O que é ser idoso no imaginário está conectado às capacidades funcionais e ao desejo da manutenção de signos ligados ao que é entendido como ser jovem. Frequentemente, o imaginário dos colaboradores não alcançou visualizações acima dos sessenta anos de idade, atribuindo valores do “ser velho” a faixas etárias anteriores a estas.

A partir deste estudo, sugerem-se novas pesquisas, utilizando-se outros recortes, como classe, raça, gênero, dentre outros, para conhecer e problematizar os impactos da baixa representatividade para as minorias sociais.

Referências

- Alves, Z. M. M. B., Silva, M. H. G. F. D. da. (1992). Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. Ribeirão Preto, SP: *Paideia*, 2, 61-69. Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1992000200007>.
- Antunes, P. P. S., & Mercadante, E. F. (2011). Travestis, envelhecimento e velhice. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós – Gerontologia*, 14(5), 109-132. Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9902/7356>.
- Casteleira, R. P. (2014). O envelhecimento de trans-jovens: falas, imagens e corpos. *Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, 1, 1-6. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina, de 27 a 29 de maio de 2014. GT5-Gênero, Corpo e Sexualidades. Ramírez-Galvéz, M., & Branco, C. (Coords.). Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT5_Rodrigo%20Casteleira.pdf.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. (2ª ed.). Porto Alegre, RS: Editora Bookman.
- Henning, C. E. (2016). Is old age always already heterosexual (and cisgender)? The LGBT Gerontology and the formation of the "LGBT elders". *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.*, 13(1), 132-154. Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43412016v13n1p132>.
- Lüdke, M., & André, M. E. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária.
- Negrine, A. (1999). Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre, RS: Editora Universidade/Sulina.
- Pocahy, F. (2012). A Velhice como Performativo: Dissidências (Homo)Eróticas. Lisboa, Portugal: *Ex aequo*, 26, 43-56. Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200005.

Rosa, J. M., Melo, A. K., Boris, G. D. J. B., & Santos, M. A. dos. (2016). A Construção dos Papéis Parentais em Casais Homoafetivos Adotantes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 210-223. Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001132014>.

Santos, D. K., & Lago, M. C. S. (2013). Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 15, 113-147. Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: <http://www.redalyc.org/pdf/2933/293328993006.pdf>.

Víctora, C. G., Knauth, D. R., & Hassen, M. N. A. (2000). *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre, RS: Tomo Editorial.

Recebido em 26/07/2017

Aceito em 30/09/2017

Cristiano da Costa Flôres – Fisioterapeuta. Mestre em Gerontologia Biomédica, PUCRS. Doutorando, Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica, Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS. Pesquisador em gênero, diversidade sexual e saúde sexual do Idoso. Fisioterapeuta com consultório em Novo Hamburgo, RS. Palestrante nos temas de envelhecimento ativo e gerontologia preventiva, gênero e sexualidade.

E-mail: dacostaflores@gmail.com

Newton Luiz Terra - Doutor em Gerontologia Biomédica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Mestre em Educação, PUCRS. Coordenador dos cursos de especialização em Geriatria Clínica e Preventiva, do Curso de Especialização em Educação Física Gerontológica e diretor do IGG-PUCRS. Áreas de atuação: Geriatria Clínica e Preventiva. Linha de pesquisa: Aspectos clínicos e emocionais do envelhecimento.

E-mail: nlterra@pucrs.br